

## CADERNO DE SÁBADO

LUCIANO ALABARSE

## CANOAS JAZZ: EXCELÊNCIA SONORA

Secretário de Cultura apresenta festival que entra em seu 5º ano com atrações da África do Sul à Argentina

Eventos culturais relevantes reforçam a identidade e a importância das cidades que os realizam em relação ao circuito onde se inserem. A cultura é sempre instrumento valioso de cidadania. Festivais de teatro e dança e mostras de cinema e de música criam entre artistas, público local e novas plateias o elo necessário para o pleno reconhecimento de suas sedes como cidades relevantes, de extraordinária significância social. Canoas, há exatos cinco anos, promove um momento marcante, singular e expressivo para fortalecer essa ideia de pertencimento. Estou falando do Canoas Jazz, o mais importante festival de jazz do Rio Grande do Sul, que se mantém fiel às suas características seminais, a saber: programação inteiramente gratuita, estrutura técnica de primeiro mundo, utilização de locais públicos para sua realização, no caso, o belíssimo Capão do Corvo, um dos nossos mais bem cuidados parques estaduais. Em um Estado marcado por uma grade de grandes atrações culturais onde se destacam a Bienal do Mercosul, o Porto Alegre em Cena e o Festival de Cinema de Gramado, faz-se natural colocar o festival de jazz canoense nessa seleta lista.

Tais considerações podem soar hiperbólicas. Mas um pouco de História pode ajudar a esclarecer essa história.

Partiu do prefeito Jairo Jorge a orientação para que fosse planejado um evento que colocasse Canoas no mapa da música mundial. O que o prefeito canoense fez deveria servir como exemplo a tantos outros. Sim, sou testemunha: um prefeito que gosta e incentiva políticas culturais continuadas e expressivas. Numa época em que temos tão poucos motivos para elogiar políticos, elencar razões concretas para isso é uma bênção. A cidade, com efeito, constrói cenário impecável para receber algumas das maiores grifes da música mundial contemporânea.

Devemos ao Canoas Jazz à vinda ao Estado de alguns dos maiores nomes do gênero, estrelas de incontestável grandeza, em noites musicais memoráveis e de altíssimo nível. Vejamos: artistas como Stanley Jordan e Ravi Coltrane, Badi Assad e Joyce Moreno, Egberto Gismonti e Hermeto Pascoal, acompanhados de músicos excepcionais, bandas afiadíssimas e repertórios singulares, fazem parte da ilustre lista de atrações que abrilhantaram edições an-

teriores, levando o público – contabilizado em alguns milhares de cidadãos – ao êxtase e à catarse.

Canoas, nos dias do Canoas Jazz, não é só a Canoas que todos conhecemos; é uma cidade à altura das maiores comunidades culturais do mundo, capital de excelência musical e provocações sonoras dignas de figurar em qualquer roteiro dos melhores festivais do planeta.

Num período de recessão econômica gritante, com o dólar batendo no teto e patrocínios marcando na paleta a recessão econômica do país, manter a qualificação de um evento cultural em patamar de excelência é um desafio e uma necessidade. Quando o mundo se encolhe e a esperança se recolhe em nichos de sombra, o papel do poder público atinge sua real dimensão de prestador de serviços à comunidade, alavancando sonhos e utopias realizáveis.

Canoas está preparada para receber a todos durante a grande festa do 5º Canoas Jazz. Duas noites de gala. Dia 21, a primeira, foi batizada de Noite Portenha. A inspiração para isso foi a “Noite Brasileira”, que acontece há muitos anos no Festival de Jazz de Montreux. Dois grupos representativos e excepcionalmente talentosos, sediados em Buenos Aires, inauguraram a iniciativa: o Escalandrum, cujo show, desde o nome, promete: Piazzolla plays Piazzolla. O detalhe é que o líder do Escalandrum é neto do genial Astor Piazzolla, cujas composições reinventaram o gênero. Seu grupo filia-se a vertente do que se convencionou chamar de “tango eletrônico”, ou seja, o tango desconstruído e livre de amarras. Jazz no tango. Tango no jazz. Jazz na veia. A segunda atração da noite é o La Chicana, um dos principais grupos portenhos, fãs fervorosos das mistu-

ranças sonoras da música brasileira, em especial de Os Mutantes, referência seminal para os arranjos do grupo. Capitaneados pelo casal Acho e Dolores Solá, o grupo vem fazer em Canoas o

lançamento mundial de seu CD La Pampa Grande, gravado em parceria com alguns dos principais compositores/cantores do Rio Grande do Sul, entre eles, Totonho Villero, Arthur de Faria e Hique Gomes. Os gaúchos citados prometem comparecer em peso à apresentação. A segunda noite começa com o Jazz 6, de Luiz Fernando Veríssimo e termina com a apresentação do grupo sul-africano LadySmith Black Mambazo, pela primeira vez visitando nosso Estado. Desde a participação em Graceland, o disco africano de Paul Simon, o grupo tem amealhado fãs pelos quatro cantos do mundo. Dez cantores que levam a plateia ao delírio, com suas harmonizações vocais perfeitas e arrepiantes. O grupo, com suas vestes africanas e coreografias tribais cativantes, arranca aplausos e suspiros em todas suas apresentações. Oportunidade única e imperdível para os amantes da boa música. A festa da excelência sonora inicia-se dias antes: ao cair da tarde do dia 17, na Casa das Artes Villa Mimosa, graças a uma bem-vinda parceria com o Sesc/RS, Flora Almeida abre os trabalhos do Canoas Jazz mostrando sua releitura de Noel Rosa, original e empolgante.

De volta ao começo: essas apresentações, de excelência incontestável, acontecerão com entrada franca, no Parque Capão do Corvo, no coração da cidade de Canoas, dias 21 e 22 de novembro, a partir das 20 horas. A cidade espera por todos.

\* Diretor teatral. Secretário de Cultura de Canoas

LUIS LEAL / DIVULGAÇÃO / CP



Em seu mais recente lançamento, “A Fala de Adão”, o patrono da 61ª Feira do Livro de Porto Alegre, Dilan Camargo, incluiu o poema “Essas Mulheres”. Vamos ouvi-lo:

*Me agradam  
essas mulheres de rostos fortes  
com seus olhos desmedidos  
suas frentes talhadas  
pelo espanto da raça.  
Sim, me agradam essas mulheres  
quando fletam  
soltam labaredas  
quando falam  
e pronunciam melodias cheias de  
segredos.  
Me encanta o enigma  
de onde nascem todas as manhãs.*

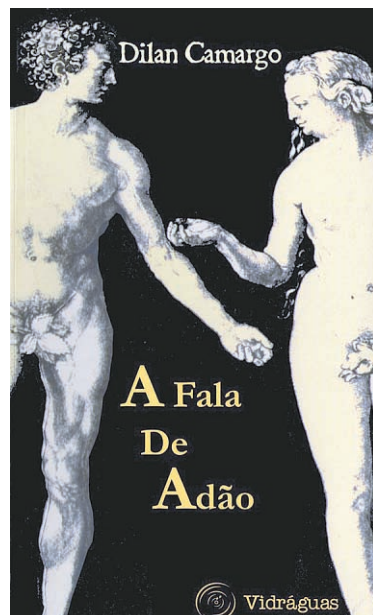
O texto é um tributo à mulher, a quem todas as homenagens são pífias diante da imensidão do que aportam à nossa fragilidade e pieguice perante o mistério da vida que só elas podem decifrar. Como disse Vinícius de Moraes, “resta essa fidelidade à mulher e ao seu tormento”, o que é quase um imperativo ético, uma razão de viver. No seu conteúdo, o poeta mostra-se inconcluso diante do que vê e intui, como se fora Blau Nunes diante da Teiniaguá.

A par de sua força estética, estruturalmente, o poema não é à espanhola apenas no efeito dos versos começados com minúsculas, mas também no fato de que as orações anafóricas iniciam com o pronome oblíquo “me” (“Me agradam”, “Me encanta”). Essa é uma ousadia do nosso patrono, meu conterrâneo de Itaqui, porque é sabido e consabido que as gramáticas consagradas rezam que não se pode começar uma oração, seja a primeira, seja uma posterior de um período, com pronome oblíquo. Pelos gramáticos mais conceituados, o primeiro verso, por exemplo, deveria ser “Agradam-me”.

Contudo, e aí é que reside a força da literatura e do uso cotidiano da linguagem, que é um organismo vivo e dialético, o mundo das palavras está longe de ser estático, regido por regras canônicas e imutáveis que não mais dialogam com a realidade que lhe deu origem, perfazendo um sentido desidratado pelo dia a dia. Como bem percebeu Ludwig Wittgenstein das “Investigações Filosóficas”, a linguagem traz em si todas as dis-

LANDRO OVIEDO

## O PATRONO E A PRÓCLISE



tinções necessárias para sua validação e interpretação, desempregando a lógica formal. Se não fora assim, quando digo que não fiz nada, estaria negando a conduta omissiva e dizendo, portanto, que tive uma ação positiva e fiz alguma coisa. No entanto, se alguém fala e outro compreende algo como comum, a mensagem encontrou sua legitimidade. Neste caso, o receptor vai perceber que o emissor apenas usou de ênfase para reafirmar que nada foi feito por ele. Aqui, fica sim o dito pelo dito.

A língua com sua normatividade sempre encontrou na poesia e na prosa boa parte das suas razões de ser. Quando os poetas e os escritores, em seus ofícios, instauram a estética na escrita, eles o fazem, em geral, retratando seu meio, estabelecendo canais de comunicação com seus leitores. E também são influenciados por eles. Ninguém, salvo honrosas exceções, escreve para ser incompreendido, pelo menos no código. Assim, o poema tem a primazia da representação semântica, vertida em arte. Quando um poeta eleva determi-

nado coloquialismo a um patamar artístico, é porque ele, o registro informal, já não mais merece ser excluído pela confraria letrada.

Não bastasse essa salvaguarda em tela para “Me agrada”, temos que, forçosamente, reconhecer que essa colocação pronominal é uma contribuição brasileira irrefreável para o idioma de Camões, goste-se ou não disso. Está na hora de se resolver esse descompasso. Se a população, de forma esmagadora, prefere a próclise nessas construções, é chegado o momento de enfrentar tal situação e aproximar linguagem e vida. Não se está falando de apreciar o “menas”, mas de dar um desenlace para uma construção linguística que se impôs contra tudo e contra todos. Ou talvez nem tão contra assim, uma vez que está na língua, nos dialetos e nos idioletos. Dilan Camargo não fez tal próclise sozinho. Fez com milhões de brasileiros que falam exatamente igual, eis aí a força de seus versos. Me agrada isso.

\* Poeta, escritor, professor e advogado